

Anti-fascismo, anti-colonialismo e sindicalismo: unindo refratários, exilados e emigrantes em Inglaterra na década dos '70

Álvaro de Miranda

Se me perguntassem qual foi o conceito mais importante que influenciou a minha vida e a minha atividade política teria sem dúvida de responder que foi o anti-colonialismo e anti-imperialismo. A minha consciência política foi formada inicialmente pelo abalo que a nossa família sofreu quando meu pai, de origem goesa, nessa altura o único goês nos Açores onde era professor do liceu, e que tinha grande simpatia pelo movimento nacionalista indiano iniciado por Ghandi, exilou-se em Inglaterra em 1954 por ter-se recusado a fazer uma declaração pública de que Goa devia continuar a ser portuguesa. A PIDE tinha-o visitado em casa a exigir essa declaração sem a qual perderia o emprego. Meu pai, em resposta, fez a declaração oposta, de protesto contra a política do governo de Salazar com respeito a Goa, demitiu-se e deixou o país com rumo a Londres, tendo inicialmente visto esta cidade como uma primeira etapa no caminho para a Índia, projecto que nunca se chegou a realizar por razões de saúde. Minha mãe pouco depois juntou-se a ele em Londres.

Cheguei a Londres em 1958, com 15 anos, tendo terminado o que na altura era o 5º ano do liceu. Nesse ano não havia ainda emigrantes económicos portugueses em Inglaterra propriamente dita, embora já então a economia turística das ilhas de Jersey e Guernsey dependesse essencialmente da participação de trabalhadores madeirenses, em grande parte sazonais, que vinham trabalhar naquelas ilhas durante o período de verão.

Anti-fascismo: O Grupo de Democratas Portugueses em Inglaterra

Meu pai tinha sido acolhido por uma organização nacionalista goesa criada em Londres para apoiar a luta pela libertação de Goa, a Goa League, que viria depois a jogar um papel importante no apoio também aos movimentos nacionalistas nas outras colónias portuguesas, nomeadamente, Guiné, Angola e Moçambique, tendo-se tornado o representante oficial do PAIGC, MPLA e FRELIMO em Inglaterra a partir do começo dos anos 60. Pouco depois da minha chegada a Londres meu pai tinha contactado também outros portugueses anti-salazaristas que residiam em Londres e juntos formaram o Grupo de Portugueses Democratas em Inglaterra (GPDI), se não me engano, que no seu auge terá agregado cerca de uma dúzia de pessoas. Foi com este grupo que se iniciou a minha atividade política, tendo participado nas suas reuniões quase desde o seu início. Participavam no grupo pessoas com tendências políticas muito diversas, sendo a única presença com afiliação partidária a de 3 elementos afiliados ao Partido Comunista. O principal era um médico investigador sobre doenças virais, Carlos Plácido de Sousa. Alguns outros eram ex-membros do PC, incluindo a minha irmã Sacuntala que se tinha vindo juntar à família em Londres depois de lhe ter sido recusado o aval da PIDE para que pudesse continuar a sua profissão de professora do liceu. As principais atividades do GPDI eram o apoio aos prisioneiros políticos de Salazar e tentar que a imprensa britânica publicasse informação sobre a falta de democracia e repressão praticadas. Principalmente devido à participação de meu pai e de minha irmã, a questão colonial também começou a fazer parte das preocupações do grupo.

A questão da atitude a tomar em relação ao colonialismo português era então um ponto de tensão entre os anti-fascistas. Muitos deles, em particular os velhos republicanos, embora condenando a guerra e a política colonial salazarista, não apoiavam conceito de dar independência às colónias. A posição do próprio Partido Comunista era de que o povo português não estava ainda preparado para aceitar a independência das colónias e defendia o direito à auto-determinação. A prioridade não era o problema colonial mas derrubar o fascismo. O futuro das colónias seria determinado após a caída do regime. Em Janeiro de 1961 o GPDI, em colaboração com a Goa League como representante dos movimentos de libertação das colónias, iniciou a publicação dum boletim mensal, o *Portuguese and Colonial Bulletin*. A saída do seu primeiro número coincidiu com um acontecimento que figurou durante vários dias nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo, o sequestro do paquete *Santa Maria* por um comando liderado pelo Capitão Henrique Galvão. O GPDI, como o único grupo em Inglaterra que podia então dar alguma explicação em relação à natureza política do ato, obteve também pela primeira vez uma projecção significativa nos meios de comunicação. O GPDI esteve também na origem de um grupo parlamentar britânico de apoio ao movimento democrático em Portugal e pela libertação das colónias, o *Council for Freedom in Portugal and Colonies*, presidido pelo deputado trabalhista Anthony Wedgwood Benn, mais tarde ministro do governo de Harold Wilson e líder da esquerda trabalhista, tendo passado a ser conhecido simplesmente como Tony Benn. O seu secretário era David Ennals, então Secretário Internacional do Partido Trabalhista e subsequentemente ministro de negócios estrangeiros.

A questão colonial foi desde o início um ponto importante de tensão entre os que produziam o *Portuguese and Colonial Bulletin*, com os membros

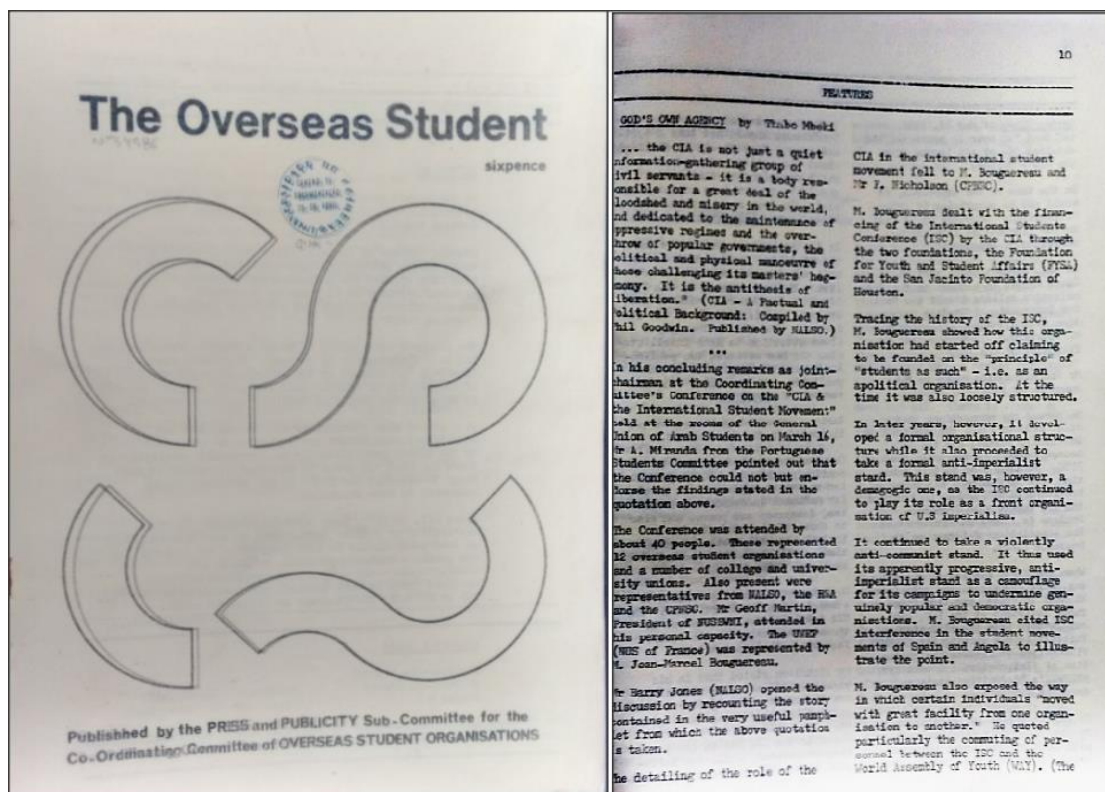
do Partido Comunista a querer dar prioridade à luta antifascista seguindo as linhas que já mencionei. A isto somou-se uma divergência em relação à colaboração com as organizações inglesas que apoiavam presos políticos em todo o mundo, em particular a *Amnesty International* que apoiava presos políticos também na União Soviética e nos países satélites, uma posição que os membros do Partido Comunista Português não queriam aceitar. Na base destas controvertidas houve uma cisão e o *Portuguese and Colonial Bulletin* acabou ficando como órgão exclusivo dos elementos afectos ao PC, tendo mantido a sua publicação quase até ao 25 de Abril. Aqui começou uma divisão entre os antifascistas em Londres que nunca foi superada.

A crise académica em Portugal de 1962 deu origem a um subgrupo do GPDI que organizou solidariedade com a luta dos estudantes portugueses, o *Portuguese Students Support Committee*, composto por 4 jovens, apoiados por um dos mais experientes ativistas do GPDI, António Nogueira Santos. Foi aqui onde eu verdadeiramente iniciei a minha atividade política, pois no GPDI pouco mais fazia do que assistir às reuniões. Este grupo publicou uma série de comunicados em inglês explicando a natureza da crise em Portugal e fez intervenções em várias reuniões de estudantes britânicos.

No entanto as guerras coloniais começaram a trazer a Inglaterra outro grupo de exilados portugueses, os refratários ao serviço militar que passaram a formar um núcleo que esteve na origem de muitas das iniciativas subsequentes dos antifascistas em Londres. Nessa altura era permitido vir para o estrangeiro e adiar o serviço militar só a estudantes em cursos que não existiam em Portugal. Um desses cursos inexistentes era o de Desenho Gráfico. Criou-se em Bromley, nos arredores a sul de

Londres, um grupo de estudantes portugueses, quase todos de desenho gráfico, que estudavam no Ravenbourne College of Art and Design. Alguns deles vieram depois a iniciar em Belas Artes em Lisboa esta disciplina após o 25 de Abril e tornaram-se conhecidos desenhadores gráficos em Portugal. É o caso, por exemplo, de José Brandão cujas capas de livros e discos ficaram famosas, incluindo a capa do disco de José Afonso *Coro de Tribunaís* (1975), do disco de Sérgio Godinho *Pano Cru* (1978) e do disco seminal de Fausto *Por Este Rio Acima* (1982). O trabalho de José Brandão foi recentemente (2015) celebrado pela Fundação Gulbenkian num livro intitulado *José Brandão, Designer. Cultura e Prática do Desenho Gráfico*. Neste grupo participava também Cristina Reis, talvez a maior cenógrafa de teatro portuguesa, que recebeu o Prémio Gulbenkian de Arte em 2010 após uma carreira de 35 anos ligada ao Teatro Cornucópia. Participavam também João Segurado e José Pinto Nogueira que foram os primeiros designers da revista *Visão* desde a sua fundação. Ao grupo juntou-se pouco depois Jorge Pacheco, mais tarde um dos pioneiros do design em 3 dimensões em Portugal. No entanto o grande ativista político era José Laranjo que tinha estudado cinema e cuja casa em Bromley se transformou no centro de atividade antifascista de Londres. José Laranjo tinha participado no movimento estudantil em Portugal e recrutou-me para fundarmos em fins de 1965 um novo grupo ad-hoc de apoio aos estudantes em Portugal, a *Comissão Pró-Associação dos Estudantes Portugueses em Inglaterra* que ficou mais conhecida com o seu título em inglês, *Portuguese Students Committee (PSC)*, já que a sua atividade se desenvolveu essencialmente no seio do movimento estudantil britânico e entre as organizações que apoiavam em Inglaterra as lutas anti-colonialistas e anti-racistas. Neste grupo participaram também com diferente graus de intensidade os outros membros do grupo de Bromley. Como era natural de um grupo cuja a

principal motivação comum tinha sido a recusa em participar na guerra colonial, o apoio aos movimentos de libertação das colónias e a todos os jovens portugueses que se tinham recusado a participar nas guerras eram as plataformas principais da atividade do grupo. O PSC fundou em 1966 com outras organizações de estudantes estrangeiros na Grã-Bretanha, na sua grande maioria provenientes das colónias e ex-colónias britânicas, o *Co-ordinating Committee of Overseas Student Organisations* cuja principal atividade era apoio às lutas anti-colonialistas e anti-imperialistas. Os representantes das várias organizações junto do *Coordinatring Committee* incluíram muitos jovens que mais tarde vieram a jogar papéis importantes nos governos nacionalistas das ex-colónias, como Thabo Mbeki que sucedeu a Nelson Mandela como presidente da República da África do Sul e Wanume Kibedi que foi Ministro de Negócios Estrangeiros do ditador de Uganda Idi Amin, tendo-se depois exilado em Inglaterra e transformado num acérrimo crítico do ditador.



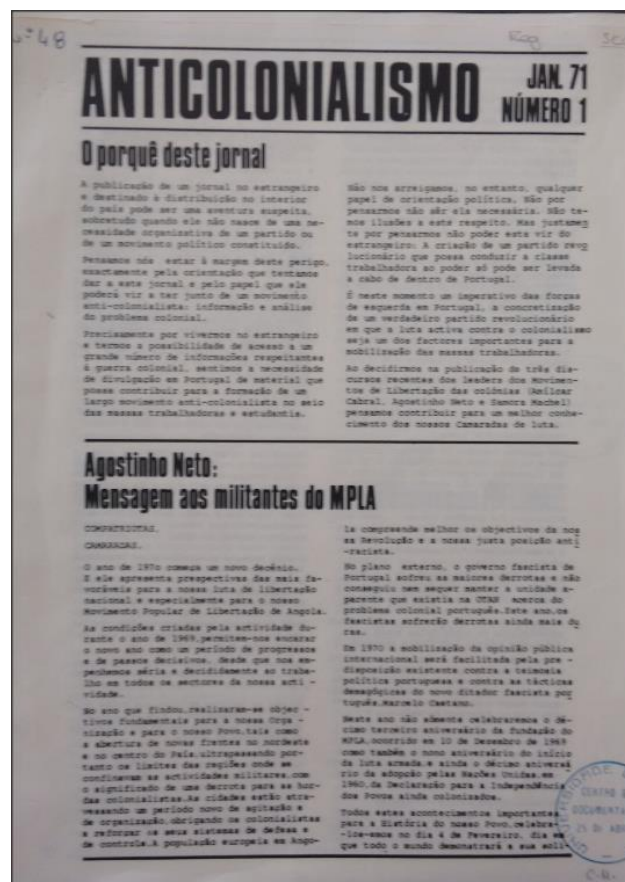
Extrato do boletim *The Overseas Student* do órgão *Coordinating Committee of Overseas Student Organisations* em que Thabo Mbeki se refere às atividades do *Portuguese Students Committee*

Junto com o Coordinating Committee, mas também independentemente dele, o PSC participou ativamente no movimento internacional contra a guerra no Vietnam e a sua bandeira e um contingente nosso esteve presente na famosa manifestação a 17 de Março de 1968 liderada por Tariq Ali e a atriz Vanessa Redgrave que terminou em batalha campal com a polícia em Grosvenor Square, frente à embaixada americana em Londres.

No entanto o grande ativista

O PSC mantinha contato com outras organizações estudantis portuguesas no estrangeiro e participou no *Secretariado dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro (SEEPE)*, uma organização de coordenação apoiada pelo Partido Comunista presidida por António Barreto, então estudando na Suíça. Em fins de Dezembro de 1968, pouco depois da invasão soviética da Checoslováquia, estive presente juntamente com José Pinto Nogueira no III Encontro do SEEPE em Paris aonde apresentei uma moção crítica da invasão que a direcção não queria que fosse discutida mas que acabou por ser aprovada, embora nunca tivesse sido incluída posteriormente nas atas da reunião. A nossa relação mais estreita era com o grupo da Suíça que incluía, além de António Barreto, Carlos de Almeida e José Medeiros Ferreira. O grupo da Suíça, que se intitulava *Revolução Socialista* publicou, com início em Novembro de 1970, 3 números de uma revista teórica, intitulada *Polémica*. Ao mesmo tempo o PSC iniciou a publicação de um boletim em português, *Anticolonialismo*, com a intenção de este ser distribuído em Portugal do qual só saíram 2 números. Durante a sua curta vida as duas publicações partilharam a rede de distribuição clandestina em Portugal que foi sempre muito limitada. A principal organização em Londres que angariava apoio para os movimentos de libertação das colónias portuguesas era o Committee for Freedom in Mozambique, Angola and Guinea (CFMAG) com o qual o PSC colaborava estreitamente. Em Outubro de 1971 o CFMAG promoveu uma visita do líder do PAIGC, Amílcar Cabral, ao Reino Unido e o Portuguese Students Committee colaborou na organização de um grande comício em

Westminster aonde estiveram presentes cerca de 1500 pessoas, usando os seus contactos com o grupo *Polémica* para trazer de Genebra para participar como orador José Medeiros Ferreira, para representar simbolicamente todos os jovens portugueses que se tinham recusado a participar nas guerras coloniais. O PSC aproveitou a visita de Amílcar Cabral a Londres para lhe fazer uma entrevista que foi publicada no segundo e último número de *Anticolonialismo*.



Organizando a Emigração Portuguesa: a Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa

Durante os anos 60 a emigração económica portuguesa para Inglaterra tinha começado a aumentar substancialmente. As indústrias para as quais iam trabalhar eram aquelas em que os salários eram os mais exíguos,

essencialmente hotelaria e restauração, onde ocupavam os postos mais baixos, mas também hospitais onde trabalhavam nas limpezas, transportes de doentes e cantinas. Eram sujeitos a grande exploração. Não estando ainda a Grã-Bretanha no Mercado Comum, estavam sujeitos a um sistema de obtenção de permits de trabalho que demoravam tempo a chegar. As grandes cadeias hoteleiras importavam trabalhadores através de contactos familiares dos que já lá trabalhavam, ou através de agências. Davam emprego aos recém-chegados enquanto pediam junto das autoridades governamentais ao mesmo tempo o permit de trabalho para o trabalhador. O permit de trabalho era específico para a companhia e em princípio para mudar de emprego o trabalhador tinha de pedir novo permit para a nova companhia. Se o trabalhador já tinha permit, as autoridades normalmente aceitavam a mudança de patrão automaticamente e com rapidez. No entanto o primeiro permit, pedido à chegada no primeiro emprego, demorava meses a ser concedido. Em princípio era ilegal o empregado trabalhar antes do permit ser concedido, mas as autoridades fechavam os olhos e durante esse período inicial o emigrante estava ligado aquele patrão e sujeito a quaisquer condições que lhe fossem oferecidas. Uma das grandes cadeias hoteleiras da época, a Grand Metropolitan Hotels, empregava uma grande proporção da força de trabalho nesta base pagando salários miseráveis, cobrando somas exorbitantes por acomodação e comida, sabendo que quando o permit chegasse o trabalhador imediatamente iria procurar novo patrão que lhe desse melhores condições. Ninguém falava inglês e desconheciam os seus direitos.

Os estudantes refratários e os exilados políticos tomaram conhecimento desta situação e quiseram fazer alguma coisa para ajudar os seu compatriotas. Alguns dos ex-participantes no GPDI, entre os quais estavam a minha irmã Sacuntala, João Monjardino e eu, juntamente com o grupo de Bromley a quem se tinha juntado Pedro George, estudante de urbanismo na conhecida Bartlett School e outros novos elementos que entretanto tinham entrado em contacto connosco, incluindo o escultor João Cutileiro, fundaram uma associação para emigrantes portuguesas a que chamamos Liga do Ensino e Cultura Portuguesa seguindo um modelo duma organização que já existia em Paris, a Liga do Ensino e Cultura Popular. A primeira iniciativa desta

associação foi uma festa convívio na zona de Notting Hill Gate a 27 de Julho de 1968 animada com a presença do cantor antifascista José Mário Branco, então exilado em Paris. Os objectivos da Liga eram de incentivar a participação dos emigrantes portugueses em Londres em iniciativas culturais e organizar serviços de informação que os pudessem ajudar, assim como lições de inglês para facilitar a sua integração no país de acolhimento. Seguiu-se-lhe pouco depois uma sessão de cinema com a exibição do filme brasileiro *O Cangaceiro*.

LIGA DO ENSINO E CULTURA PORTUGUESA

Sessão de Cinema
O Cangaceiro

Filme Brasileiro falado em português e que tornou célebre a canção 'Mulher rendeira'

Em complemento:
Documentários sobre Portugal



Domingo, 10 de Novembro, 15 h

no Notre Dame Hall - Cinema 16
Leicester Place (ao lado do Prince Charles Cinema)
Leicester Square Entrada 3s 6d

REUNIÃO DE COLABORADORES 6 de Junho de 1969.

AVES PRESENTES:

José Laranjo	João Cutileiro
José Brandão	Cristina Reis
João Monjardino	M. Emília Monjardino
Alda Rosa	Pedro Agostinho
José Pinto Nogueira	Carlos Alves
Alvaro Miranda	Daniel Duarte
João Martins	Maria Vieira
Carlos Ramos	Brandão Rodrigues
Sacuntala de Miranda	Janet Laranjo
Jorge Pacheco	Saúl Custódio
João Segurado	José Nobre
	Aurora Costa

ORDEN DE TRABALHOS:

1. Re-estruturação de sub-comissões
2. Secção Social
3. Publicidade

A Liga, apesar de ter claramente desde o início um carácter antifascista e situar-se em oposição à associação já existente que tinha o apoio da Embaixada de Portugal e da Igreja, o *Centro Católico*, atraiu considerável número emigrantes económicos muitos dos quais fizeram uso dos seus serviços. Obtivemos apoio da câmara municipal dum município de Londres onde havia uma grande concentração de emigrantes portugueses e com essa ajuda pudemos manter uma sede que estava aberta vários dias por semana com a participação de voluntários. Arranjámos na sede uma biblioteca que emprestava livros e organizámos lições de inglês grátis para os sócios dadas também por voluntários. Na sede os voluntários estavam também disponíveis

para dar informações a emigrantes, sócios ou não sócios, acompanhando-os muitas vezes à polícia ou outras repartições públicas servindo de interpretes. Para o seu grupo de ativistas foram também atraídos emigrantes económicos com um passado de militância política em Portugal como Saúl Gonçalves, antigo militante do PC em Portugal e prisioneiro político que tinha participado na fuga de Álvaro Cunhal de Peniche em 1960 e Fernando Sousa que também tinha estado preso no Aljube, e a sua esposa Maria. Outros iniciaram a sua militância com a sua participação na atividades da Liga. Entre este devo destacar Heliodoro Barradas, um português que tinha passado grande parte da sua vida em Angola e que veio a ser um dos maiores ativistas antifascistas em Londres. As festas organizadas pela Liga contaram com a participação de vários conhecidos cantores da oposição ao regime, incluindo, além de José Mário Branco, Zeca Afonso, acompanhado na altura por Fausto, Vitorino e Janita Salomé, Adriano Correia de Oliveira e Francisco Fanhais, todos os quais doaram os seus serviços sem nada cobrar.

A Liga organizou várias outras atividades culturais, entre as quais se contou um grupo de teatro dirigido por Ricardo Pais que mais tarde se tornou muito conhecido como diretor do Teatro Nacional de S. João do Porto.

Sindicalismo: o International Workers Branch da Transport and General Workers Union

Uma das atividades culturais organizadas pela Liga foi uma sessão em Março de 1972 sobre o movimento sindical no Reino Unido com a participação de um sindicalista da fábrica Ford, e a exibição dum filme sobre a luta contra a lei de relações industriais que os sindicatos levavam a cabo na altura, *Fighting the Bill*. O filme tinha sido produzido por um cooperativa de cinema dedicada a fazer filmes sobre o movimento operário, *Cinema Action*, em que participava um cineasta português, Eduardo Guedes, uma figura que passou a ter um papel importante em todas as nossas subsequentes iniciativas. Eduardo Guedes tinha feito uma tradução para português do comentário do filme.



Na discussão com a audiência que se seguiu à apresentação do filme um emigrante declarou ter achado a sessão muito interessante e falou na exploração a que eram submetidos os trabalhadores na indústria hoteleira onde, tanto quante ele sabia, não existiam sindicatos. Perguntava se não se podia fazer qualquer coisa para melhorar a situação. Ali foi escolhida uma comissão liderada por minha irmã Sacuntala para investigar a possibilidade de incentivar a sindicalização dos trabalhadores portugueses na hotelaria. Essa comissão dirigiu-se ao maior sindicato do Reino Unido na altura, a Transport and General Workers Union que nos recebeu de braços abertos sugerindo a formação de uma secção para trabalhadores portugueses, a Portuguese Workers Branch. Fizemos notar que alguns de nós não trabalhávamos na indústria hoteleira mas o sindicato não viu nisso problema e fizemo-nos todos sócios. A existência da nova secção foi anunciada pouco depois em comunicado emitido pela Liga convocando os sócios para

participarem na manifestação do 1º de Maio desse ano, menos de 2 meses depois da sessão da Liga sobre sindicalismo.



Nas primeiras eleições realizadas para a direção do Portuguese Workers Branch da Transport and General Workers Union fui eleito presidente. José Neves, mais tarde um dos fundadores do Partido Socialista, ficou como secretário e Oscar Figueiredo, jovem que trabalhava num hotel da cadeia Grand Metropolitan Hotels, foi eleito tesoureiro.

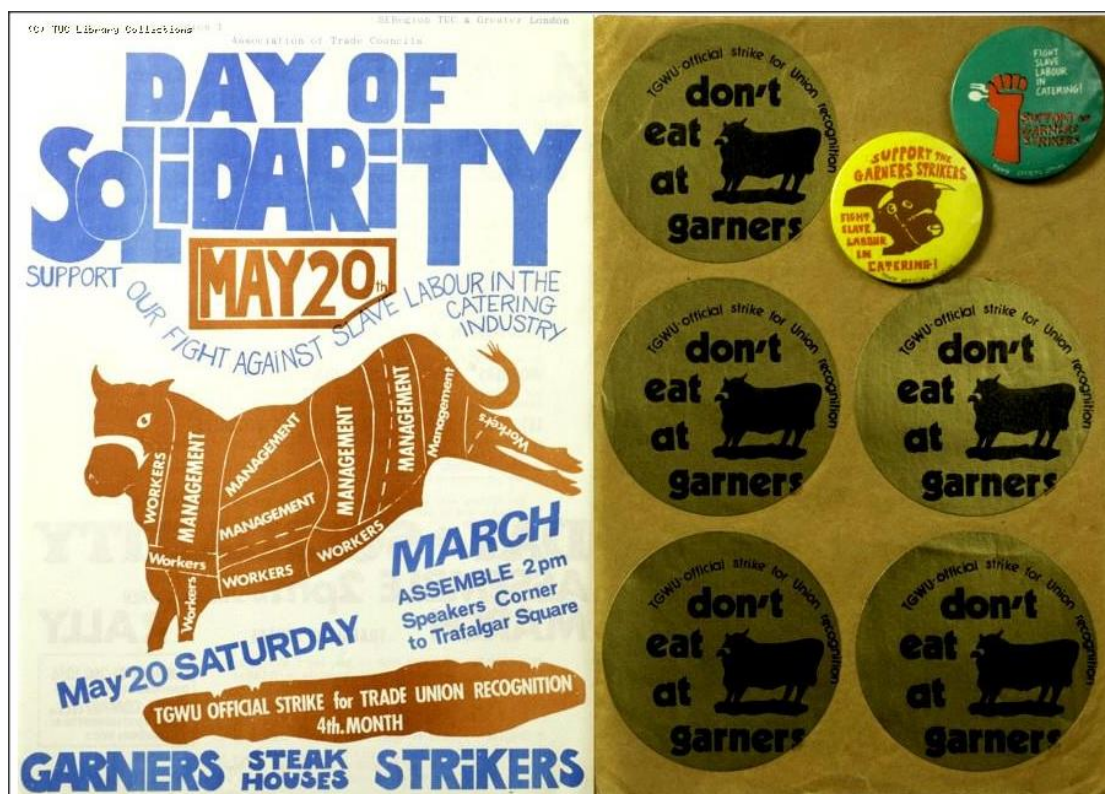


José Neves, de óculos e barba na última fila, junto com outros fundadores do Partido Socialista, incluindo Mário Soares, em Abril de 1973.

http://www.forumcidadania.org/politica/partidos_files/historia_ps/fundacao-fundadores-ps.html

O Portuguese Workers Branch iniciou a sua atividade com uma campanha de recrutamento na Grand Metropolitan Hotels que tinha uma grande concentração de portugueses. Além de Oscar Figueiredo, Heliodoro Barradas tinha também sofrido o sistema mantido por esta companhia pois tinha obtido o seu primeiro permit de trabalho através dela. No entanto, imediatamente nos demos conta que embora houvesse muitos portugueses na companhia, eram mesmo assim uma minoria e não fazia sentido recrutar só portugueses. Como eram praticamente todos estrangeiros, mudámos o nome da secção para *International Workers Branch* e passámos a recrutar todas as nacionalidades, contando para isso com a ajuda de ativistas políticos de esquerda originários dos vários países donde vinham esses emigrantes, especialmente espanhóis e turcos.

Da campanha junto da cadeia Grand Metropolitan Hotels trouxe-nos muitos sócios mas apesar de várias lutas, incluindo um programa de televisão dedicado à campanha, nunca conseguimos obter o reconhecimento do sindicato por parte da companhia. A nossa primeira vitória foi termos obtido a adesão de 100% dos trabalhadores do maior cabaret de Londres, *Talk of the Town*, em Leicester Square, na sua maioria cipriotas gregos e obtido o reconhecimento do sindicato e um aumento de salários significativo após uma curta greve. Maior ainda foi a vitória na maior cadeia de Wimpy Bars de Londres, *London Eating Houses*, uma cadeia pioneira do conceito hamburger onde também conseguimos a adesão de praticamente 100% dos trabalhadores que na sua maioria eram emigrantes turcos e cipriotas turcos ilegais e estavam sujeitos a uma exploração desenfreada, trabalhando cerca de 90 horas por semana sem pagamento de horas extraordinárias. Após uma curta greve geral em mais de 30 restaurantes da cadeia obtivemos o reconhecimento do sindicato e conseguimos que os salários mais que duplicassem. Conseguimos também que a situação de grande número dos trabalhadores fosse legalizada. A vitória foi no entanto pírrica já que pouco depois o dono, um cipriota turco, bancarrota e fechou a cadeia lançando os trabalhadores no desemprego. A secção tornou-se muito conhecida no movimento sindical britânico devido ao fato de ter travado, ainda quando eu era presidente da secção, uma das mais longas lutas na história sindical. Uma outra cadeia de restaurantes, as *Garner's Steak Houses*, entrou em greve pelo reconhecimento do sindicato em Janeiro de 1978, greve essa que durou quase ano e meio até Junho de 1979, terminando infelizmente em derrota.



A Visita de Marcelo Caetano a Londres em Julho de 1973 e a criação do Portuguese Workers Coordinating Committee/ Comissão Coordenadora dos Trabalhadores Portugueses

Marcelo Caetano foi convidado a fazer uma visita de estado ao Reino Unido em Julho de 1973 como parte das celebrações dos 600 anos da aliança anglo-portuguesa. Este convite suscitou desde o início bastante celeuma pois a campanha na Grã Bretanha contra as guerras coloniais tinha gerado bastante publicidade e danificado seriamente a imagem do regime. Planos para seguir Caetano com manifestações em todos os lugares que ele visitasse foram organizados pelo *Committee for Freedom in Mozambique, Angola and Guinea* e os antifascistas portugueses em Londres cedo começaram a participar nessa organização. Representavam o CFMAG na Escócia um casal português, Clara Queiroz e Bruno da Ponte. Clara tinha feito o doutoramento em genética na Universidade de Edimburgo e Bruno da Ponte estava a tirar uma licenciatura em Estudos Hispano-Americanos. Bruno era de origem açoreana e grande amigo de minha irmã Sacuntala desde colegas do liceu em Ponta Delgada, tendo participado juntos em várias campanhas antifascistas em Portugal quando eram alunos

universitários em Lisboa. Esta ligação de amizade íntima serviu para cimentar a relação entre as nossas atividades associativas e sindicais dentro da emigração portuguesa e o trabalho do CFMAG contra a guerra colonial. Bruno e Clara e seus filhos João e José tinham vindo de Edimburgo para Londres e ajudaram na organização das manifestações contra a visita de Caetano.

Durante o período preparativo da campanha veio ter comigo o cineasta Eduardo Guedes e fez-me notar que o CFMAG tinha pouca influência sobre o movimento operário britânico e que portanto este dificilmente se juntaria à campanha contra a visita de Caetano. Sugeri no entanto que a existência do International Workers Branch, que já era bastante conhecido no movimento sindical, nos dava uma oportunidade única de mobilizar este setor. Daí surgiu a ideia da formação de uma comissão de portugueses patrocinada pelo International Workers Branch da TGWU com objetivo específico de mobilizar os sindicatos britânicos contra a visita de Caetano. Assim nasceu o Portuguese Workers Coordinating Committee em que participaram elementos portugueses da direcção do International Workers Branch a que se juntaram Eduardo Guedes, Bruno da Ponte, Clara Queiroz, João da Ponte, Afonso Sousa e outros mais. Começámos a fazer campanha no seio do movimento sindical com algum sucesso. A campanha contra visita de Caetano tomou uma nova dimensão quando, poucos dias antes da sua chegada a Londres, o diário mais respeitado de Inglaterra, *The Times*, de carácter conservador, publicou uma denuncia pelo missionário Father Adrian Hastings do massacre de Wiryamu em Moçambique pelo exército português. Este artigo caiu como uma bomba nos meios de comunicação. Passou a ser referido em todas as notícias relativas à visita de Caetano e gerou grande debate no parlamento com os deputados da oposição, trabalhistas e liberais, a exigir que a visita fosse cancelada. Durante esse período realizava-se a conferência bienal da Transport and General Workers Union em Brighton. Dois dias antes da chegada de Caetano, Eduardo Guedes, se bem me lembro, José Neves e eu fomos em delegação a Brighton fazer o lobby da conferência. Conseguimos que o Secretário Geral, Jack Jones, fizesse numa intervenção especial uma declaração de oposição à visita de Caetano e apelando aos sindicalistas para participarem nas manifestações que foi largamente noticiada nos jornais de esquerda no dia seguinte. Como resultado desta atividade, contingentes de sindicatistas estiveram presentes em quase todas as manifestações que acompanharam o ditador aonde quer que fosse. Quando Caetano

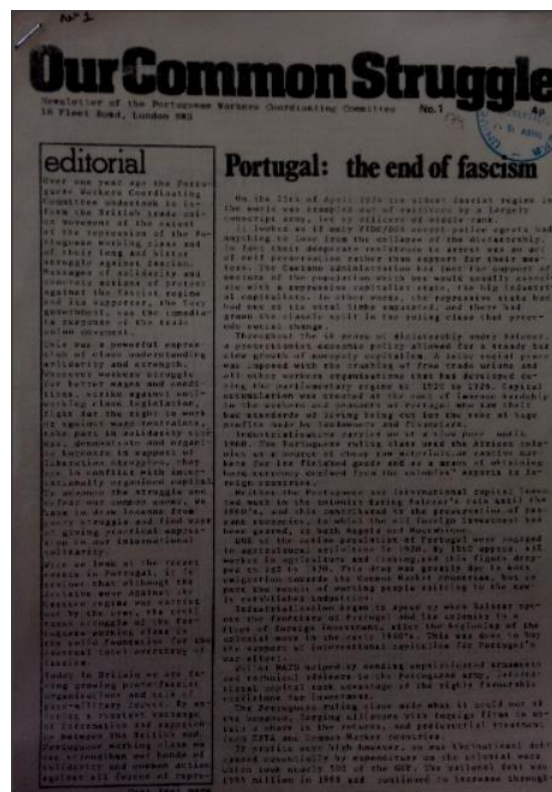
visitou o Museu Britânico os trabalhadores do museu fizeram uma paragem simbólica durante algumas horas. Quando visitou o Royal Naval College em Greenwich foram recebidos por um grupo de estivadores das docas, filiados na TGWU, que despejaram um caixote de lixo sobre a limousine que transportava Caetano.

A campanha contra a visita de Caetano a Londres acabou por ter uma grande importância histórica na medida que cimentou o isolamento internacional do regime, um fato que foi recentemente reconhecido pela filha do ditador que o tinha acompanhado na visita a Londres numa entrevista da televisão portuguesa.

<https://www.youtube.com/watch?v=1eXvW5Djo78>

O Período da “Revolução Portuguesa”: *Our Common Struggle*

O *Portuguese Workers Coordinating Committee* continuou ativo no período que se seguiu ao 25 de abril. Mais uma vez por sugestão de Eduardo Guedes, iniciamos em setembro de 1974 a publicação de um boletim em inglês a que chamámos *Our Common Struggle*, que aspirava ser mensal mas que várias vezes saiu atrasado como é comum nas publicações de amadores.



Era dirigido ao movimento operário e esquerda britânica e o seu objetivo era explicar o processo revolucionário, sobretudo a luta operária, e tentar gerar solidariedade para com ele. O começo da publicação do *Our Common Struggle* coincidiu com a nossa participação na organização de uma manifestação em Londres juntamente com o CFMAG, em setembro de 1974, exigindo independência imediata para as colónias que terminou com um comício em Trafalgar Square. Esta manifestação foi chamada porque Spínola e outros elementos da Junta de Salvação Nacional falavam então não em dar independência às colónias, mas em iniciar um processo que levasse à sua auto-determinação.



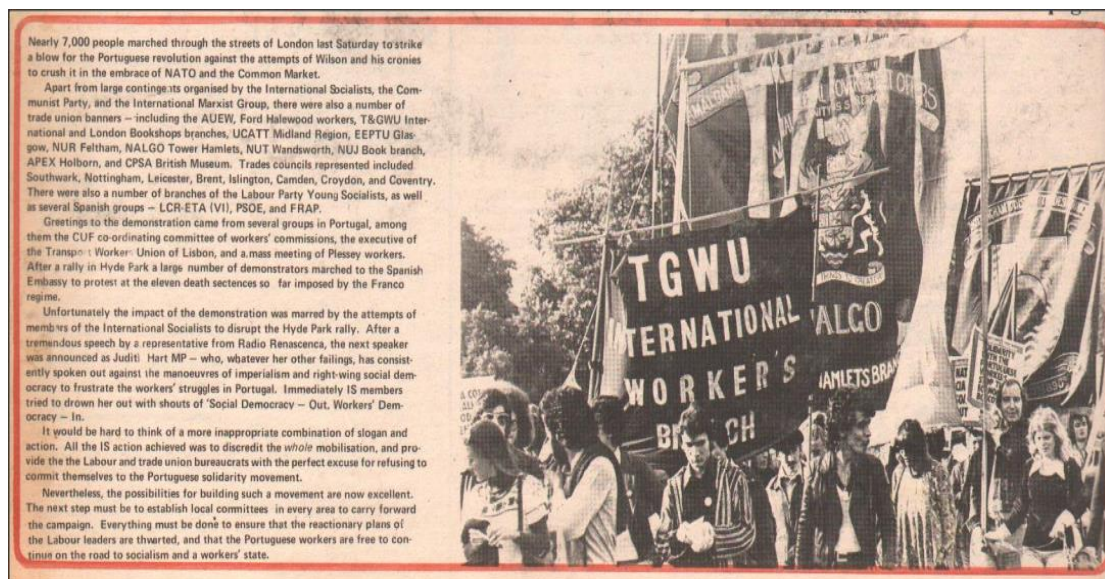
Aspeto do comício em Trafalgar Square em que terminou a manifestação de setembro de 1974 exigindo independência imediata para as colónias portuguesas. Eu estou ao microfone, sentado atrás de mim está outro orador, o líder do sindicato dos mineiros britânico Jack Collins. Na foto estão também Oscar Figueiredo, de pé à esquerda no nível mais alto, com uma bandeira, Bruno da Ponte à direita, com bigode e óculos, debaixo da bandeira “Fim às guerras coloniais”.

Na altura o movimento operário britânico era muito ativo e havia organizações das bases sindicais dentro dos locais de trabalho que eram de certo modo independentes das cúpulas, ao redor dos delegados sindicais (shop stewards). Focámos a nossa atividade essencialmente nesse movimento. Esta época estava também na fase inicial

do globalização da indústria manufatureira e Portugal servia como fonte de mão de obra barata não só através da emigração mas também porque muitas companhias deslocaram para Portugal as partes mais intensivas em trabalho não especializado da sua produção. Isto aconteceu em particular na indústria eletrónica e várias companhias inglesas, norte- americanas alemãs e francesas tinham montado fábricas em Portugal. No período revolucionário que se seguiu imediatamente após ao 25 de abril muitas dessas fábricas de multinacionais foram ocupadas, como a Plessey (britânica), a ITT (norte-americana). Procurámos pôr os trabalhadores em ocupação das sucursais das multinacionais em Portugal em contato com os delegados sindicais das fábricas dessas companhias na Grã-Bretanha. Fomos particularmente bem sucedidos com a Plessey, nessa altura a maior companhia de telecomunicações e eletrónica britânica.

Bruno da Ponte, Clara Queiroz, João da Ponte e Oscar Figueiredo tinham regressado definitivamente a Portugal alguns meses depois do 25 de abril e formaram um contingente do PWCC em Lisboa . Através deles mantivemos contactos estreitos com os trabalhadores da Plessey em Portugal e um dos seus delegados sindicais juntou-se ao grupo do PWCC. Na Grã-Bretanha, onde a Plessey tinha grande número de fábricas, existia uma comissão coordenadora das atividades dos delegados sindicais das várias fábricas, a *Plessey Joint Shop Stewards Committee*. Estabelecemos contato estreito com esta comissão. Organizámos uma visita de shop stewards da Plessey a Portugal e uma delegada sindical portuguesa visitou a Grã-Bretanha para participar numa reunião da *Plessey Joint Shop Stewards Committee*. Eventualmente eu fui convidado a pertencer ao Joint Shop Stewards Committee em representação dos trabalhadores da Plessey portuguesa. Tentámos formar uma comissão coordenadora internacional, estabelecendo contato com os trabalhadores da Plessey em Malta. A Plessey, assim como todas as multinacionais, utilizavam a sua internacionalização como forma de subverter a efectividade dos sindicatos nos diversos países e a tentativa de formar uma comissão internacional de delegados sindicais era para se contrapor a este processo. Chegámos a conseguir evitar que houvesse a transferência da produção dum componente de Portugal para Malta, se bem me lembro, mas com o fim do período revolucionário em Portugal não houve condições para manter a nossa atividade. O processo de desindustrialização da Grã-Bretanha acelerava-se e o movimento operário entrara em declínio.

Juntamente com este nosso trabalho junto das multinacionais, mantivemos outras atividades de informação sobre o processo revolucionário através do *Our Common Struggle* e enviando os nossos membros a falar em reuniões de sindicatos, e secções locais do Partido Trabalhistas e de outras organizações de esquerda. Lançámos uma Campanha de Solidariedade com a Classe Trabalhadora Portuguesa (Solidarity Campaign with the Portuguese Working Class) com o patrocínio de dirigentes sindicais e personalidades da esquerda britânica. A campanha tinha grupos locais distribuídos em várias cidades de Grã-Bretanha e organizou uma manifestação com participação ao nível nacional de vários milhares de pessoas em Setembro de 1975 em que falou um jornalista de Rádio Renascença então ocupado por seus trabalhadores.



Extrato do jornal esquerdista *Red Weekly*, 25 de Setembro de 1975, com descrição da manifestação

<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/redweekly/rw-no118-sep-25-1975.pdf>

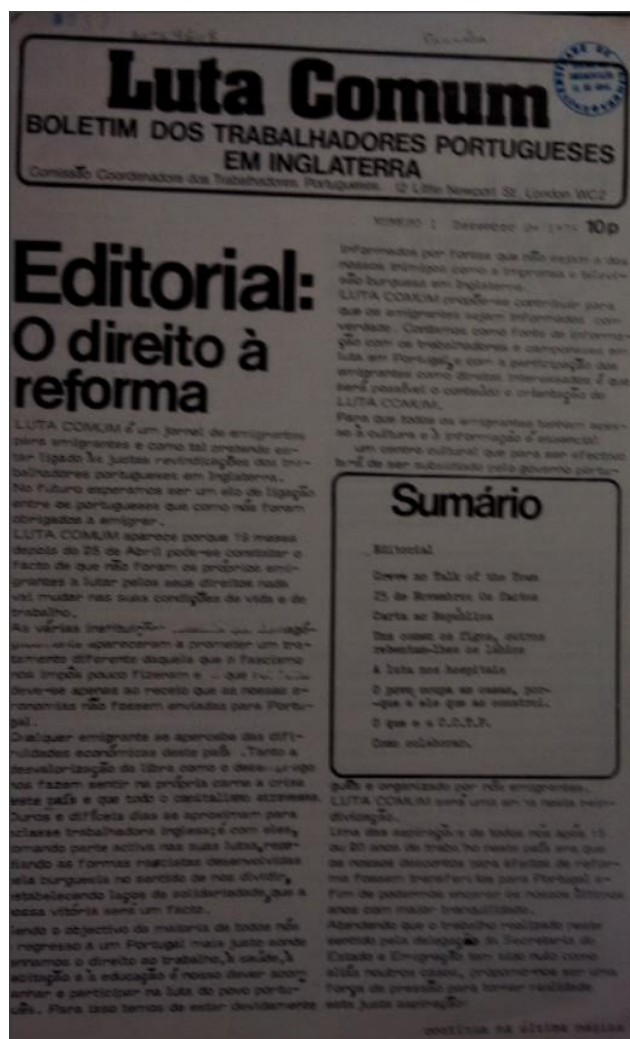
Como parte desta campanha publicámos em cooperação com os trabalhadores do diário *República* um edição especial do jornal em inglês.

Praticamente a última realização da campanha foi uma conferência nacional no Conway Hall em Londres a 13 de Março de 1976 em que participaram cerca de 200 pessoas.

O período pós-revolucionário: *Luta Comum*

O período revolucionário em Portugal terminou efetivamente com a intervenção militar comandada por Eânes a 25 de novembro de 1975. O movimento operário em Portugal começou a desmobilizar-se a partir dessa data. O PWCC continuou esporadicamente a publicar o *Our Common Struggle* durante 1976, mas decidimos que já não havia audiência que justificasse a sua continuação. Resolvemos publicar um último número dedicado inteiramente à Reforma Agrária em dezembro de 1976. Durante o período revolucionário a nossa ligação à emigração portuguesa em Londres fez-se só através do *International Workers Branch*. A Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa tinha deixado de funcionar pouco depois do 25 de abril, tendo alguns dos seus elementos, em particular Fernando e Maria Sousa fundado uma nova associação para emigrantes com características semelhantes às da Liga, o *Centro 25 de Abril*, que passou a ser o ponto de encontro e de atividade social e cultural dos emigrantes com espírito progressista. A Fernando e Maria Sousa em breve se juntaram, como os animadores principais do *Centro 25 de Abril*, Maria Afonso e Fernanda Oliveira. Os elementos ligados ao Partido Comunista tinham continuado a sua atividade sempre aparte, tendo criado outra associação, a *Associação dos Portugueses em Inglaterra* (API) que fazia concorrência ao *Centro 25 de Abril*.

Quando resolvemos que não valia a pena continuar a publicar *Our Common Struggle*, pensámos que fazia falta uma fonte de informação para a emigração portuguesa que tinha aumentado substancialmente no entretanto e resolvemos iniciar um jornal para a emigração, cujo nome foi a tradução exacta da publicação que tínhamos produzido em inglês durante mais de um ano, *Luta Comum*. O primeiro número saiu no mesmo mês em que publicámos o último número de *Our Common Struggle*, Dezembro de 1976.



Iniciámos a publicação com um boletim mimeografado de formato A4, ilustrado na figura, mas em breve passamos para o formato de jornal impresso com folha de tamanho A3. A composição do grupo que produzia este jornal era diferente do grupo que elaborava o *Our Common Struggle*. Participação na elaboração do *Our Common Struggle* e atividades afins estava circunscrita aos portugueses que dominavam bem o inglês o que excluía a maioria dos emigrantes económicos. Com o começo da publicação do *Luta Comum* pudemos atrair a participar em maioria este último grupo. O conteúdo do *Luta Comum* e a sua produção estava a cargo de um pequeno grupo de pessoas extremamente dedicadas ajudadas por uma periferia maior que participava ocasionalmente em tarefas específicas como a venda do jornal e a sua distribuição por tabacarias que também o vendiam, colabavam com artigos ocasionais ou tiravam notícias relevantes dos jornais portugueses. No grupo que trabalhava regularmente na produção física do jornal participavam, além de mim, Heliodoro Barradas e seu filho Manuel António Barradas, juntamente com os trabalhadores da indústria de

restauração Virgílio Santos e António Jorge e uma jovem estudante de dança que tinha vindo para Londres como au pair, Adriana Peixoto. Virgílio Santos e António Jorge contribuíam além de artigos, versos. Virgílio Santos escreveu durante esse tempo um livro auto-biográfico, *História da Minha Vida*, que foi publicado pela Editora Centelha em Coimbra em 1981.

O jornal era produzido nos escritórios dum centro de ajuda legal à população que nos facilitava as suas instalações uma noite por mês. Trabalhávamos a noite inteira sem dormir, indo no dia seguinte diretamente para os empregos. Os artigos eram batidos à máquina numa IBM Golfball que tínhamos comprado em segunda mão e depois colados juntamente com as fotos numa maquete A3 que seria depois fotografada para impressão offset. Tínhamos dois fotógrafos regulares, nessa altura ambos amadores: Álvaro Ferreira, um trabalhador de hotel, e Carlos Guarita um português que tinha crescido em Inglaterra e que tínhamos conhecido porque participava num grupo de teatro, *Red Ladder*, que uma vez tínhamos trazido a representar numa das iniciativas culturais da Liga. Carlos Guarita mais tarde tornou-se um fotógrafo profissional de renome internacional. Colaboradores ocasionais da “velha guarda” incluíam João Monjardino que tinha colaborado connosco desde os tempos do GPDI e tinha sido um dos animadores principais da Liga, Eduardo Guedes e José Laranjo cuja firma de design gráfico nos dava apoio de vez em quando, particularmente na publicidade das várias atividades culturais que organizámos, algumas com a participação de músicos populares que trouxemos a Londres com o apoio financeiro da Fundação Gulbenkian, incluindo Fausto, Vitorino e Janita Salomé, Júlio Pereira, Pedro Caldeira Cabral, Sérgio Godinho e Os Trovante. Entre os nossos colaboradores contámos também com Boaventura Sousa Santos que se encontrava trabalhando uns meses na Universidade de Sussex em Brighton.

O *Luta Comum* teve um sucesso particular de que nos orgulhamos grandemente. A seguir ao 25 de Abril os ultra do regime conspiravam ainda com a ambição de voltarem ao poder. Em Londres havia um estranho banco que tinha focado a sua atividade financeira sobre os emigrantes portugueses oferecendo-lhes razões de juro sobre os depósitos em contas de poupança superiores ao normal. Chama va-se Kendal and Dent. Estávamos convencidos que havia forças económicas ligadas aos capitalistas portugueses que tinham fugido de Portugal a seguir ao 25 de abril por

detrás dele. As nossas suspeitas foram confirmadas quando o banco apareceu organizando num dos mais conhecidos teatros de Londres, o Victoria Palace, um grande espetáculo com a participação de artistas famosos dos velhos tempos de Salazar, mas também de ultras do anterior regime. Figuravam no elenco o cómico Badaró, que tinha emigrado para o Brasil após o 25 de Abril e Amália Rodrigues. Londres tinha sem dúvida sido escolhido porque muitos dos fugidos do 25 de Abril se tinham instalado lá e porque os emigrantes portugueses tinham fama de serem conservadores. Entre os personagens presentes na plataforma encontravam-se o ex-General ultra do Salazarismo Kaúlza de Arriaga, Galvão de Melo, Silvino Silvério Marques, o empresário Jorge Jardim, e o ex-ministro do regime fascista Franco Nogueira . Organizámos um piquete de protesto à porta do teatro junto com o *Centro 25 de Abril*. Uns emigrantes que vinham ao espetáculo porque, segundo nos disseram, gostavam de fado, quando tomaram conhecimento do teor do evento resolveram não entrar e ofereceram-nos os bilhetes. Um pequeno grupo nosso entrou para assistir. Quando o Kaúlza de Arriaga se levantou para discursar começaram a gritar: “Fascista!” Toda a audiência do teatro que estava praticamente cheio se juntou a gritar em coro com o nosso grupo e os organizadores foram obrigados a retirar Arriaga e trazer imediatamente ao palco Amália Rodrigues para acalmar os ânimos começando a cantar.



O *Luta Comum* continuou a ser publicado até 1982, embora a sua periodicidade tivesse gradualmente diminuído quando nos primeiros tempos saía mensalmente. Durante o tempo de existência do jornal colaborámos intimamente em várias iniciativas políticas e culturais com o *Centro 25 de Abril* embora a orientação política das duas organizações fosse bastante diferente. Os que participavam no *Luta Comum*, embora a maioria não tivesse filiação partidária, eram em geral simpatizantes da chamada extrema esquerda, das forças políticas que hoje se encontram representadas no Bloco de Esquerda, mas também na ala esquerda do Partido Socialista. Os animadores do *Centro 25 de Abril* tinham posições políticas mais próximo do MDP.

Os que estamos ainda em Londres desde esses tempos continuamos a encontrar-nos mensalmente para almoçar num restaurante português de Londres, *A Toca*. Um almoço especial mais concorrido marca todos os anos o aniversário do Dia da Liberdade, o 25 de abril.

Álvaro de Miranda

Londres, Outubro de 2016